

JOÃO PEDRO DA VEIGA MIRANDA

(1881–1936)

Vida, Obra, o Escritor, o Político e o

Parlamentarista

João Pedro da **Veiga Miranda** nasceu em Campanha, Minas Gerais, no dia 11 de abril de 1881 e faleceu em Ribeirão Preto em 17 de fevereiro de 1936. É filho de Manoel Inácio de Miranda e Josefina Carolina da Veiga, tradicional casal de fazendeiro nas terras mineiras, na região Sul de Minas, próximo a Poços de Caldas. Fez estudos secundários em Baependi e Barbacena, MG, e depois na Politécnica em São Paulo, formando-se em engenharia em 1904.

Casado com Sra. Albertina Junqueira, de família ligada à agricultura como ele. Foi professor, escritor, jornalista e político, chegando a Ministro da Marinha de 12 de setembro de 1921 a 15 de novembro de 1922, perfazendo um tempo de 14 meses. É o primeiro civil a ocupar o mais alto cargo na Pasta da Marinha.

Consta no livro *Ministros da Guerra do Brasil*, de Teodoro Lopes e Gentil Torres, edição da Biblioteca do Exército, que VM foi também Ministro da Guerra, interino, durante curto espaço de tempo, substituindo o titular da Pasta da Guerra, Dr. João Pandiá Calógeras, com quem tinha estreita amizade.



João Pedro da Veiga Miranda (Campanha, MG, 1881 – Ribeirão Preto, SP, 1936. ilustres, cedido pelo Centro de Debates Campanhenses.



Fac-simile da p. 75 - Campanhenses

Em Ribeirão Preto foi vereador e prefeito de nossa cidade de 08 de junho de 1908 a 31 de dezembro de 1909, pelo PRP-Partido Republicano Paulista, sucedendo Renato Jardim e sendo sucedido por Luiz Baptista Júnior, todos da mesma agremiação política, que governaria Ribeirão Preto de 1874 a 1932, durante 28 anos sem interrupção. Como prefeito, foi o criador do Bosque Municipal.

Depois do mandato de executivo, foi um combativo Deputado Estadual e Federal. Depois de ter deixado a pasta da Marinha, onde realizou reconhecido trabalho, deixou – frustrado com os políticos – a atividade política em 1923 e voltou a morar em Ribeirão Preto, até o fim de seus dias, em sua fazenda Humaitá, na antiga Vila Bonfim.

Suas próprias palavras, já fora do ambiente político dos conchavos, dizem muito e delas podemos tirar várias conclusões: *"Pouco me importava o meu futuro político, Jamais, para assumir atitudes, que julguei de meu dever, calculei as conseqüências que delas, pessoalmente, me adviriam. Jamais transacionei com minha consciência e com os interesses da Nação."* (Um Depoimento para a História, in O Comentário, edição de 1º de abril de 1926). Os governos de São Paulo e Minas, e o próprio PRP, o vetaram em todas as suas ações por não ser ele conivente com aquilo que trairia suas convicções

peçoais. Para entender um pouco do que as palavras acima dizem, faz-se necessário ler, pelo menos a obra **Quatorze Meses na Pasta da Marinha**, publicada em 1923. Na foto abaixo, VM em visita de trabalho. (Fonte: <http://www.arquivodamarinha.dphdm.mar.mil.br>)



Em exercício na Pasta da
Marinha

Em uma carta a seu amigo, Alfredo Mário Guastini (1884-1949), jornalista, redator do Jornal do Comércio e Estadão, VM escreve:

*Meu caro **Guastini**,*

Não imagina você quanto me sensibilizou sua crônica! Recebi-a num retalho enviado por minha filhinha, e para você ver quanto ela também se alegrou, remeto-lhe o trecho da carta referente ao caso.

É consolador, meu caro, ver-se um 'descaído', como eu, ainda lembrado por algum amigo... Depois do turumbamba político de 33, em que talvez estivesse errado (mas onde tive o prazer de vermo-nos lado a lado), fiquei tão desgostoso, que me encafeiei na fazenda, abjurando a política.

Levo aqui uma vida modestíssima e pobre, mas tranquila e independente. Faz-me falta a convivência dos amigos, a antiga camaradagem espiritual de S. Paulo e do Rio. Para não me deixar esquecer de todo foi que me candidatei à vaga do Coelho Netto. Não cabalei, nem sequer fui ao Rio; de modo que o resultado não me causou admiração.

Tenho quatro romances prontos, sem achar editor. Nem como folhetim de jornal os consigo publicar, e são (modéstia à parte) bastante vivos e oportunos. Escrevo com saudade da nossa vida no "Jornal do

Comércio”, quando, como você lembrou na sua crônica, eu rabiscava, dia a dia, o Mau Olhado.

O tempo passa depressa, meu bom amigo. Não sei quando poderei arrear pé da fazenda: a escassez de “pecúnia” me obriga a este longo exílio. Vendi minha casa em São Paulo, móveis, quadros etc. – para pagar dívidas – e quero ver se consigo salvar, de todo o meu patrimônio, que era bem considerável, - esta pequena fazenda.

Eis a vida de um ministro!

Abraços

sempre afetuosos do

velho camarada

muito amigo,

Veiga

Miranda.

Na obra ***“Entre Ruy e Epitácio, Veiga Miranda”***, editora Legis Summa Ltda., 1994, Rubem Cione (1918-2007), em nota de rodapé na página 55, afirma, de forma inquestionável – e os fatos ao longo do tempo comprovam as palavras de Cione – que:

“Veiga Miranda se candidatara à vaga de Coelho Netto, na Academia Brasileira de Letras. (...) Se tivesse pensado nisso quando ministro, não haveria dúvida quanto ao êxito da sua candidatura. É que nas academias a posição política influi poderosamente sobre as letras... Foi eleito João Neves da Fontoura, que não tinha livros publicados, mas era político, grande orador e líder da minoria na Câmara dos Deputados.”

Era o ano de 1935. Além de amigo próximo de Coelho Netto, o

patrono era Álvares de Azevedo, que ele houvera biografado magistralmente, em 1931. Lembremos que ele, frustrado com os políticos, deixara definitivamente de participar da vida política em 1923, ao sair da Pasta da Marinha. Antes, ele tentara, em 1930, a vaga do poeta, folclorista e filólogo Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado (1885-1929), nome literário apenas Amadeu Amaral, mas a escolha recaía sobre o poeta e ensaísta Guilherme de Almeida (1890-1969).

Deixemos registrado que VM, quando ministro, foi insistentemente convidado a candidatar-se a uma cadeira da ARL, ficando-lhe sugerido que facilmente seria o escolhido. Por escrúpulo nunca aceitou. Entendia que o mérito teria de ser literário e não político. No entanto, ele aspirava, sim, ocupar, na Casa de Machado de Assis, uma cadeira, por isso esboçou interesse em suceder, por óbvios méritos literários, ao poeta e filólogo José Júlio da Silva Ramos (1853-1930), meses antes de concorrer à sucessão de Amadeu Amaral. Como ele, apesar de ser um escritor de nome, já não mais se achava um destacado político, e as portas, antes abertas pelos aduladores de plantão, estavam-lhe agora claramente fechadas. O restante da história sabemos nós.

VM era membro da APL – Academia Paulista de Letras, na Cadeira 35, cujo patrono é Antônio Godói Moreira da Costa. Sucedeu o acadêmico-fundador José Azevedo Sobrinho e foi sucedido por Plínio Airosa. Airosa por Paulo Bonfim. Bonfim por Maria Adelaide do Amaral, no momento da lavra desta biografia sua atual titular.

A ARL – Academia Ribeirão Pretana de Letras, fundada em 1947, hoje com 40 membros, nos moldes das academias francesa e brasileira de letras, tem VM como patrono da Cadeira 22, cujo primeiro ocupante foi o escritor, jornalista Albino de Camargo Neto (1893-1969), sucedido pelo escritor, educador, matemático Sebastião Fernandes Palma (1894-1993), seguido pelo escritor, educador e médico Paulo Gomes Romeo (1916-2000) e, por fim, pelo escritor, professor e comerciante Waldomiro Waldevino Peixoto (1950-*), seu atual ocupante.

VM era um homem muito atuante, desde o momento que em Ribeirão Preto colocou os pés, na primeira década do século XX, logo depois de ter-se formado engenheiro em 1904. Sempre preocupado com a vida do

homem comum, fruto de uma formação familiar voltada para as coisas da terra, desde criança em Campanha, MG, aqui, em nossa cidade, construíra a sua trajetória de cidadão. Atuando como vereador por 4 legislaturas em nossa cidade, depois prefeito, deputado estadual e federal por São Paulo, ele sempre esteve muito ligado aos problemas cotidianos das pessoas e da cidade que adotou e que o adotara. As fotos a seguir documentam VM, então vereador em 1915, apoiando atividades sociais de Pe. Euclides a favor dos menos favorecidos de nossa cidade, conforme a matéria jornalística Boa História, de Nicola Tornatore, publicada no Jornal A Cidade por ocasião da comemoração do aniversário de 150 Anos de Ribeirão Preto.



A multidão foi reunida, em 03 de junho, em desagravo ao padre que tivera sido transferido injustificadamente para São José do Rio Pardo pelo Bispo Dom Alberto Gonçalves. Essa notícia – uma bomba para a população ribeirão-pretana! – fora publicada em A Cidade dois dias antes, e a mobilização aconteceu! Estiveram presentes, em apoio ao Pe. Euclides o Prefeito Municipal Joaquim Macedo Bittencourt, o subprefeito de Bonfim Paulista Coronel Gabriel Junqueira e os vereadores Veiga Miranda e Coronel Saturnino Corrêa de Carvalho. No dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, um

trem fora fretado e saíra às 6 horas levando 300 moradores de Ribeirão com os quais a manifestação continuaria em S. J. do R. Pardo. O Jornal A Cidade registrara:

"Magistrados, membros da Câmara Municipal, diversas autoridades, advogados, médicos, engenheiros, professores, comerciantes, lavradores, industriais, jornalistas, funcionários públicos e delegações de várias sociedades."

É quando VM sobe no banquinho (ver foto), lê uma mensagem de apoio do povo de RP ao Padre Euclides e leva este às lágrimas, que emocionam aos presentes. Junto com a mensagem, Pe. Euclides recebe mais de 150 telegramas de apoio. Fotos de Aristides Motta (Fonte: Jornal **A Cidade**, 03.12.2006).

A matéria acima revela nitidamente um VM profundamente conectado com os anseios de sua gente, ratificado em suas atitudes posteriores, mesmo, em vários momentos, pagandoum alto preço pessoal. Sempre fora um homem voltado para as grandes causas, mesmo à custa do auto sacrifício. Um homem de convicções sólidas!

VM, quando morava em São Paulo, foi professor no Instituto Politécnico de Engenharia ministrando aulas de Matemática. Sempre procurou viver às custas de seu trabalho, sem benesses e favorecimentos. Voltando para Ribeirão Preto, e tendo aqui sido fundado o Ginásio Ribeirão Preto – futuro Colégio Otoniel Mota – ele foi designado a dar lá aula de Italiano.

Há um curioso relato do próprio VM, na página 73 do citado livro de Rubem Cione, de como fora ele nomeado professor de Italiano no Ginásio Ribeirão Preto, sendo ele especializado em Mecânica e Astronomia, indicado por Herculano de Freitas, diretor do Jornal Correio Paulistano. Este mesmo relato de VM pode ser lido no Capítulo VI em De Menino da Roça a Ministro

da Marinha.

Em todos os sentidos, um homem excepcional, de caráter irretocável, um *"perfeito cavalheiro, homem irrepreensível no trato cortês e na palavra amável. (...) um dos mais dinâmicos presidentes (do Rotary Club Ribeirão Preto), grande anfitrião das visitas mais ilustres do país e do exterior."* (Cione, obra citada, página 61).

No final da vida, vieram o ostracismo e as imensas dificuldades financeiras. Mesmo assim, VM não deixou de atuar e amar sua cidade adotiva e sua gente. Nascido em Minas Gerais, sem deixar de amar sua terra natal, considerava-se um ribeirão-pretano de coração e de alma, retribuindo o afeto que aqui recebeu.

Acometido de uma febre tifoide, faleceu VM no Palacete Joaquim Firmino, na Rua Tibiriçá esquina com Florêncio de Abreu. Como curiosidade, neste local passaria a funcionar a FMRP, cuja foto da primeira turma se encontra abaixo (1ª Turma de Medicina de RP, em 1952. Fonte: <https://www.fmrp.usp.br>) ao lado de uma foto atual, de 2022 (Fonte: Google Earth, 2022).



VM foi sepultado no Cemitério da Saudade no número 1848, da quadra 18. O Mausoléu Veiga Miranda foi gentilmente cedido à ARL pela família Veiga Miranda, durante a gestão de Antonio Carlos Tórtoro, que assim o próprio registrou o evento, em texto e imagem:

"MAUSOLÉU VEIGA MIRANDA – Antonio Carlos Tórtoro, presidente da Academia Ribeirãopretana de Letras, obteve a posse definitiva do túmulo de Veiga Miranda, doado pela família de VM, localizado no Cemitério da Saudade. Foi feita uma reforma, criadas galerias, e passou a denominar-se Mausoléu Veiga Miranda. Tórtoro também providenciou, junto ao CONPPAC seu tombamento."

Vejamos um artigo de Antonio Carlos Tórtoro, Presidente da ARL, sobre aquele momento, transcrito na íntegra:

*MAUSOLÉU VEIGA MIRANDA
Antônio Carlos Tórtoro (*)*

"

V
e
i
g
a

M
i
r
a
n
d
a
:
g



*r
a
n
d
e
z
a*

*d
e*

*a
l
m
a
,
d
e*

*c
a
r
á
t
e
r
,
f
u
l
g
u
r
a
n
t
e*

i

*n
t
e
l
i
g
ê
n
c
i
a
,
c
u
l
t
u
r
a
,
g
ê
n
i
o

p
o
l
í
t
i
c
o
,
e
n
v
e*

*r
g
a
d
u
r
a*

*m
o
r
a
l
e*

*a
l
t
o*

*q
u
i
l
a
t
e*

*d
e*

*v
i
r
t
u
d
e
s*

c
í
v
i
c
a
s
"

(
D
r
.
R
u
b
e
m

C
i
o
n
e
)

Tudo começou no dia da posse do acadêmico Waldomiro Waldevino Peixoto, na Cadeira número 22, da ARL- Academia Ribeirãopretana de Letras.

Em seu discurso de posse, ele manifestou o desejo de retomar estudos e atividades que viessem a lembrar e homenagear, condignamente, o Patrono de sua cadeira: VeigaMiranda.

A primeira medida tomada com esse objetivo, assumido de imediato por mim, como presidente da ARL, foi solicitar ao amigo vereador Leopoldo Paulino que propusesse à Câmara Municipal uma Lei que instituísse a "Semana Veiga Miranda" como parte do

calendário cultural do Município de Ribeirão Preto. E a lei 9.093 foi criada em 19 de janeiro de 2001.

Em seguida, sabedores de que um sobrinho-neto de Veiga Miranda, Dr. João Pedro Rolim Moraes, pretendia retirar de nossa cidade os restos mortais de seu tio-avô, dado o descaso de nossas autoridades competentes e o abandono do túmulo, localizado no cemitério da Saudade, iniciamos — graças ao apoio do amigo Antônio Carlos Rizzi, da administração da Câmara Municipal — uma nova batalha: conseguir a doação do túmulo

para a ARL para ali construir o Mausoléu "Veiga Miranda", da Academia Ribeirãopretana de Letras e, por conseguinte, manter aqui os restos mortais de uma personalidade histórica que levou o nome de Ribeirão Preto para todo o Brasil, sendo o primeiro civil a ser Ministro da Marinha no Governo Epiácio Pessoa.

Procurados por mim os vereadores José Alfredo, Sílvio Martins e Antônio Sobral enviaram, simultaneamente, processos para a Secretaria de Negócios Jurídicos — 044550-0/2002 e 050702-6/2002 — no sentido de alcançarmos nosso objetivo. Dados os entraves da lei, uma delas do início do século XX, as coisas estavam se complicando. Pedi, então, ajuda à Dra. Juliana Galvão, minha ex-aluna e colega de conselho, no CONPPAC. Imediata e eficientemente, em pouco tempo, ela conseguiu a liberação do túmulo, desde que alguém da família Veiga Miranda assinasse documento de doação.

Mais uma vez, por meio de informações do colega Waldomiro — que de Marília, onde reside, vinha mantendo, por mais de dois anos, contatos com a família Veiga Miranda — tomei conhecimento da passagem, por Ribeirão Preto, do Dr. Rolim Moraes, e fui encontrar-me com ele, em meu horário de almoço, na Livraria Saraiva do Novo Shopping, onde, após rápida conversa, obtive um documento assinado que autorizava a transferência do túmulo.

Veio, então, necessidade do pagamento de uma taxa de R\$ 657,90. Não tínhamos o dinheiro disponível.

Mais uma vez, nós nos colocamos em ação, tentando criar uma lei que nos permitisse não pagar a referida taxa, pois, afinal de contas, estávamos preservando um marco importantíssimo da história de nossa cidade. Nessa fase, tivemos o apoio dos colegas acadêmicos Dr. Feres Sabino e Dra. Fernanda Ripamonte. Mas foi por uma parceria da ARL com a ACRECE – Associação dos Cidadãos

Ribeirão-pretanos e Eméritos, firmada no dia 13 de abril, que, graças à proposta do seu Presidente Executivo, Vilibaldo Faustino Jr., obtivemos a verba necessária para o pagamento da taxa de transferência exigida por lei.

A partir de então, só precisaríamos reformar o túmulo, já com processo de tombamento, solicitado por mim junto ao CONPPAC, e transformá-lo em Mausoléu e ponto turístico cultural, realizando, ali, anualmente, durante a Semana "Veiga Miranda" — comemorada na segunda quinzena de abril — atos e eventos que, de uma vez por todas, marquem a presença entre nós de tão importante escritor e homem público.

Esperamos a participação dos homens públicos de Ribeirão Preto, porque o passado deve permanecer presente para que nossa sociedade tenha futuro.

() Presidente da ARL – Academia Ribeirãopretana de Letras.*

Reiteramos que o texto acima foi reproduzido na íntegra, dado o valor documental que possui. A quem interessar, no site www.tortoro.com.br há várias fotos de objetos e outros quando da exumação dos restos mortais do grande escritor.

Em 19 de dezembro de 2000 foi instituída, pelo Projeto de Lei 2316, de autoria do Vereador Leopoldo Paulino e durante a profícua gestão do Acadêmicos Antonio Carlos Tórtoro, a "Semana de Estudo Veiga Miranda" no Calendário do Município de Ribeirão Preto, oficialmente na segunda quinzena de abril de todos os anos. Infelizmente, afora alguns artigos de jornal na imprensa local, pouco se fez mais. Quem sabe alguém, em algum tempo, encampe a ideia e faça o sonho ser mais que uma lei no papel e anais da Câmara Municipal.



Cópia do Projeto de Lei 2316, do Vereador Leopoldo Paulino

Segundo o advogado, historiador, escritor e professor Dr. Rubem Cione, também acadêmico da ARL – Academia Ribeirãopretana de Letras e o mais longevo presidente deste Sodalício literário, VM...

"...amou patrioticamente Ribeirão Preto. Aqui viveu, sendo professor, conferencista, jornalista, engenheiro, militante político, vereador e prefeito municipal. Aqui viveu e prestou seus bons serviços para a comunidade, apenas se afastando, temporariamente, a convite do Dr. Epitácio Pessoa, Presidente da República, para ser Ministro Civil da Marinha. Honrosamente voltou para Ribeirão Preto, e aqui faleceu, onde está sepultado."

VM está umbilicalmente ligado à ARL, como veremos mais à frente. Rubem Cione, na obra acima referenciada, crava, em breve relato, as seguintes palavras, que, pela síntese e objetividade, reproduzimos na íntegra:

"Ao se afastar da vida pública, em 1923, Veiga Miranda, movido pelo verdadeiro idealismo que o caracterizava, fundou na capital paulista a revista "O Comentário", destinado à doutrinação política e em cuja direção mais uma

vez revelou versatilidade de talento. Nela redigia praticamente tudo, desde artigos de fundo, até crônicas, versos e anúncios. Adotava pseudônimos diversos, inclusive um feminino – Sílvia Rangel – com a qual subscrevia uma seção dirigida às mulheres. Faleceu a 17 de fevereiro de 1936, em Ribeirão Preto, irrealizado nas aspirações de pertencer à Academia Brasileira de Letras, recusando, por coerência, o oferecimento que lhe fizeram na fase em que era Ministro da Marinha; concorreu – apenas como literato – à vaga de Amadeu Amaral, em 1930, sendo derrotado por Guilherme de Almeida. Em 1935, também não logrou êxito ao disputar o lugar com Coelho Netto na cadeira cujo patrono é Álvares de Azevedo. Duro golpe a preterição para quem biografara magistralmente o segundo e merecera do primeiro entusiástico aplauso pela produção literária que realizou, conforme atesta a correspondência existente. Num dos seus maravilhosos livros, pleno de confidências, estão páginas de grande beleza moral, cívica, poética, pessoal e familiar. Muito de história de sua vida; trajetória de lutas, de vitórias, de amor, de decepção também, mas que marcam a vida de um dos notáveis homens públicos desta nação, de um homem que soube viver com dignidade, com espírito, com inteligência, um homem que se emoldurou de excepcional cultura e de uma formação própria dos que tiveram a felicidade de um berço tradicional e de virtudes as mais ricas. Veiga Miranda, que tinha Ribeirão Preto como sua própria terra natal, que não o esqueceu quando nas alturas de suas posições, que bem representou-o, que desejou aqui viver e morrer, sendo aqui sepultado como desejava (no Cemitério da Saudade, quadra 18, sepultura 1848), pertence à galeria dos seus notáveis homens públicos, que enriquecem sua vida e sua história. Homens como estes precisam e merecem ser lembrados como exemplo às gerações presentes e futuras. Veiga Miranda não foi eleito para a ABL – Academia Brasileira de Letras, apesar de sua vasta obra literária

como romancista, dramaturgo, poeta, ensaísta, conferencista e dramaturgo, mas foi imortalizado pela ARL – Academia Ribeirãopretana de Letras ao ser instituído como o patrono da cadeira 22, uma justa homenagem desta cidade que ele amou e a quem dedicou o melhor de sua vida."

Merecida é a homenagem que as Instituições Literárias de Ribeirão Preto prestam a este filho adotivo – filho do amor – ao, através da Semana de Estudo Veiga Miranda, perenizar sua memória para as próximas gerações. Quem não preserva o seu passado condena a sua identidade no futuro.

OBRAS

Dulce, novela, Editora O Pensamento, 1905.

Pássaros que fogem, contos, Edição Livraria Chardron, Porto, Portugal, 1908

Redenção, romance, editora O Pensamento, 1914

Mau olhado, romance, Edição Leite Ribeiro & Maurílio, 1918

Os três irmãos siameses, edição de O Comentário, 1920

Eterna canção, novelas, Edição Livraria Alves, 1921

A prancha, peça de teatro, Edição Livraria Alves, 1923

O prêmio de robustez, peça de teatro, Edição Livraria Alves, 1923

Discursos na Câmara Federal, edição do autor*, 1923

Quatorze meses na pasta da Marinha, Edição de O Estado de São Paulo, 1923

Os faiscadores, crônicas e críticas literárias,

edição do autor*, 1924

A serpente que dança, romance, Edição A

Nova Era, 1924

Educação e educadores, conferências,

edição do autor*, 1929

Maria Cecília e outras histórias, contos, Edição Livraria Alves, 1930

A Campanha da Princesa, poesia, Editora Alvorada,
Champanha, MG, 1930

Álvares de Azevedo, História e Crítica Literária,
Edição Livraria Alves, 1931

O voluntário de Santa Terezinha, Editora Revista
dos Tribunais, 1933

O Panfletário do Primeiro Reinado, memória histórica, Edição do
Jornal do Comércio, 1934

De menino da roça a ministro de Estado, Edição do Jornal do
Comércio, 1934

A sucessão de Coelho Netto, relato e fortuna crítica sobre VM, Edit.
Revista dos Tribunais, 1935

A tardia colheita, poesia, edição do autor*, 1935

Imbituba, impressões de viagem, edição do autor*, 1936

Palavras, Palavras, conferências e crônicas, edição do autor*, sem data

Discursos na Câmara Paulista, edição do autor*, sem data

Seis anos de política, edição do autor* sem data

Grande Sonho, romance, edição do autor*, sem data

Palavras à Terra Mineira, memórias, edição do autor*, sem data

Nota: a maioria das obras de VM seria reeditada pela Companhia Monteiro Lobato Editora, Revista dos Tribunais e alguns jornais de grande circulação para os padrões da época, pois o autor gozava de muito prestígio junto à imprensa.

Embora hoje bastante esquecido, em pleno ostracismo, ele figurava entre os escritores mais prestigiados da época, como atesta a fortuna crítica sobre ele, principalmente a publicada na obra **A sucessão de Coelho Netto**,

em que alguns nomes ainda hoje recebem destaque entre os grandes nomes de nossa literatura. A conferir.

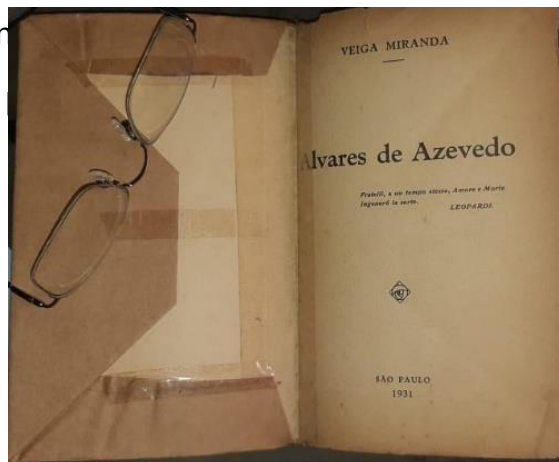
*Há muitas edições – crê-se que pela primeira vez – sem nenhuma informação de edição ou data. Nestes casos, consideramos edição do autor, mas isso carece de mais pesquisas, que certamente indicarão com menos margem de erro.

Em vista de uma multivariada obra, que transita em vários gêneros e meios, fruto de uma mente muito atuante por onde passou, falemos abaixo sobre o escritor, o político e o parlamentarista. Um homem sobretudo extraordinário.

O ESCRITOR

VM é o patrono da cadeira 22 da ARL – Academia Ribeirãopretana de Letras, ocupou a cadeira nº 35 da APL – Academia Paulista de Letras, sucedendo José Vicente Sobrinho, e pleiteou, sem sucesso, a cadeira nº 2 da ABL – Academia Brasileira de Letras, cuja escolha recaiu sobre João Neves da Fontoura, grande político gaúcho, que também muito honrou o Brasil com sua atividade política e diplomática.

VM tinha especial interesse nesta cadeira nº. 2, por ter biografado magistralmente seu patrono, Álvares de Azevedo, em **livro homônimo**, editado em 1931 pela Revista dos Tribunais, São Paulo, quando do centenário de nascimento do n. privado da intimidade de Coelho Netto



E VM era profundo conhecedor tanto da vasta obra de Coelho Netto como da de Álvares de Azevedo, além de ter produzido uma considerável obra literária, sobretudo incensada pela crítica especializada. Na biografia de Álvares de Azevedo, VM revela o seu agudo senso de crítica literária, como podemos deduzir deste parágrafo- síntese sobre nosso poeta byroniano:

"Esses aspectos (de sua poesia) terão de ser abordados, à medida dos lances dessa trágica vida espiritual de Álvares de Azevedo. Trágica, espiritualmente, em tremendos lances imaginários de paixão; em pavorosas crises de remorso e contrição; em magníficos êxtases de deslumbramentos, de fantasias, de inquietudes. O fogaréu de uma puberdade violenta. O mal do século... O epígono sem igual do Romantismo que se tornaria o prógono da corrente no Brasil: - tinha sem motivo, a melancolia da virgem que se vai tornando núbil e sente, já, o futuro atormentar-lhe o seio..." (página 20)

Poderia haver melhor síntese da influência do poeta inglês em nosso poeta?!

No livro **A Sucessão de Coelho Netto**, publicado em 1935 pela Revista dos Tribunais, São Paulo, tomamos conhecimento do afeto que unia os dois escritores, tanto no âmbito literário como no familiar. Atestam-no as correspondências trocadas entre eles, a exemplo de pequeno trecho transcrito de uma delas, publicada na obra acima, página 24.

Rio 3 de novembro 1917

*Ilustre confrade **Sr. Veiga Miranda**,*

Venho agradecer-lhe a sua delicada referência à atitude de minha mulher, entre os filhos, diante dos prenúncios da guerra, que nos ameaça. O grito saiu-lhe do coração num curso de lágrimas. A mãe vence-se em doloroso combate: chorando e sorrindo pronunciou as palavras sublimes, que a sua pena apontou como exemplo, prestando um serviço à Pátria. Que assim seja!

(...)

Aperto-lhe a mão de artista com verdadeiro entusiasmo e fico à espera do volume para o reler com vagarosa delícia, revendo certos episódios... Confrade e admirador sincero,

Coelho Netto

O desaparecimento de Coelho Netto foi sentido pela intelectualidade brasileira como uma perda irreparável – de um titã, no dizer de alguns expoentes da época – em que pesem os textos iconoclastas dos modernistas, publicados na época, sobre a sua literatura, considerada por estes um escritor passadista.

Vejamos a beleza e a propriedade desta metáfora de VM sobre o vácuo deixado por Coelho Netto:

“Quando tomba, no meio da floresta, um daqueles exemplares estupendos de nossa flora, uma perobeira ou um jequitibá, fica uma clareira na mata, que só a vegetação rasteira ocupa. O largo espaço vazio marca o lugar sobre cujo âmbito pompeava a cabeça do gigante tropical. Só então, considerando-se a área do círculo aos pés do colosso, sobre a qual se projetava a sua sombra augusta, em cujo subsolo penetram as suas formidáveis raízes, é que nos damos conta das proporções do tronco imenso, das maravilhosas riquezas dos seus galhos e ramos adornados de lianas e parasitas, da incomparável abundância da espessa folhagem. É pelo que fica descoberto, nu, desabrigado, no seio da mata, que calculamos a perda sofrida! E decorrerão

séculos para erguer-se ali outro padrão da terra fértil, outro poderoso dominador das selvas!...”



A produção literária de VM, em qualidade e quantidade, o fazia merecedor incontestemente de suceder a Coelho Netto, mas, como ele não era adepto de espírito de corpo, esperava que os outros reconhecessem o seu valor. Somente assim valeria a pena ocupar a cadeira nº 2 da ABL. Ele competia com nomes muito fortes, também merecedores, e a perda da cadeira foi-lhe uma grande frustração pela sua ligação afetiva, já mencionada, com o patrono e com o recém ocupante, apesar de dizer que não na correspondência a seu amigo Guastini.

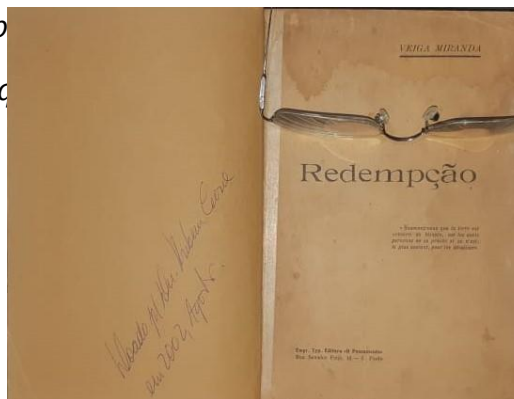
Sua obra literária recebeu crítica favorável de muitos nomes importantes da época como de Mário de Alencar, José Veríssimo, Monteiro Lobato, Nestor Víctor, Lima Barreto, Mário Sette etc. As resenhas dos jornais mais importantes da época como O Estadão, Jornal do Comércio, Gazeta de Notícias, A Notícia, o jornal português O Século eram bastante favoráveis à sua obra e dão conta de que VM estava entre os melhores escritores de seu tempo, a ponto de **Os Três Irmãos Siameses** serem considerados um dos três melhores livros publicados no final dos Anos Vinte, com estrutura narrativa adiante dos padrões da época.

Pássaros que Fogem é uma coletânea de contos publicada em 1908

pela Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Porto, e assim saudada por Mário de Alencar: *"A leitura do primeiro conto deixou-me vacilante; o segundo prendeu-me a atenção para todo o volume, e ao cabo o sentimento foi de admiração. Revelava-me o livro um escritor legítimo, de talento indiscutível, de vocação natural para o gênero literário. (...) O autor põe a narrativa na boca de um sertanejo e dá-lhe a expressão peculiar e pitoresca com tal arte, que o leitor tem a ilusão de estar ouvindo o mesmo sertanejo em pessoa: é a ação que se anima e surge em todo o seu movimento trágico aos olhos do ouvinte."*

Em 1914, o autor dá-nos o romance **Redenção** pela editora O Pensamento. Em carta a VM, datada de 1917, Lobato confessa que já o conhecia como contista, e completa:

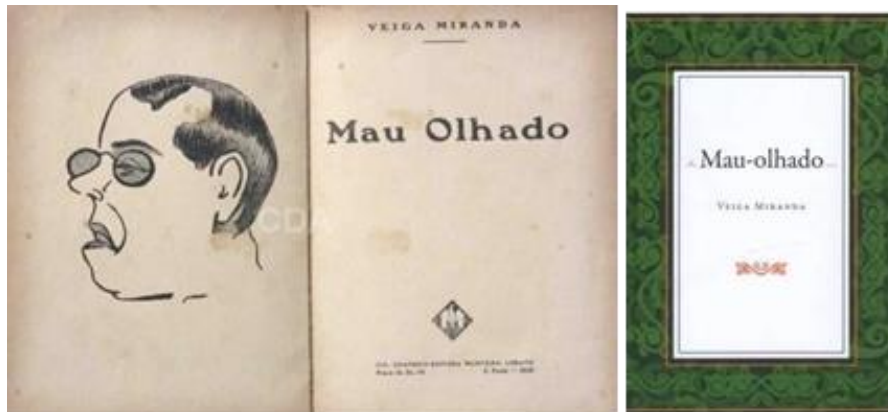
"...mas não imaginei que no romance, e no primeiro, surgisse com tamanho garbo, tamanho desempenho e fôlego de mestre. Que admirável aquele livro! O velho Garcia – estou a vê-lo – a Dona Victória, a Taciana, as meninas, o fiscal de beijo partido, o Montenegro, a Brasília!!! a Belmira, o deputado, o júri, a crise na lavoura, a decadência do nacional e o surto do imigrante, a nobreza p... o, as iniquidades sociais... Mas é o Brasil o



Uma opinião favorável de Lobato não era pouco, já que se tratava da principal voz crítica daqueles tempos, respeitado por todos. E sabemos, os que conhecem a obra de Lobato, que ele não tinha o hábito de tecer loas a quem quer

que seja se de fato não as merecesse.

Sobre **Mau Olhado**, de 1919, o mesmo Lobato diz que VM "*reafirma... seus magníficos dotes de pintor de almas e costumes. (...) o enredo transcorre dentro do quadro agreste da vida roqueira. Lê-lo é ter desdobrada ante os olhos a cinematografia colorida das fazendas abertas no sertão – luta bárbara do homem contra a selvageria.*"



E Lima Barreto arremata sobre **Mau Olhado** dizendo que "*...à grande tela em que o autor trabalhou com ciência e vigor, não faltou nenhuma pincelada para o seu bom acabamento. Não só os personagens principais e secundários; mas as cenas domésticas, as das indústrias próprias da fazenda, o Sr. Veiga Miranda não se limita a esboçá-las rapidamente. Ele as acaba e as arredonda suavemente.*"

E de realismo e retrato de costumes muito bem entendiam os autores de Urupês e Triste Fim de Policarpo Quaresma.

O livro de novelas **Eterna Canção**, de 1922, também é muito bem recebido pela crítica e bastante louvado pelos jornais O Estadão, de São Paulo, e Jornal do Comércio, do Rio. O mesmo ocorre com **Maria Cecília e Outras Histórias**, de 1930, e **O Voluntário de Santa Teresinha**, de 1933. O

destaque na ficção de VM fica por conta do romance **Os Três Irmãos Siameses**, romance publicado em 1920. Medeiros e Albuquerque assim resume o livro:

"Trata-se como o título está a deixar ver, de um grupo de três amigos íntimos. Tão íntimos que os apelidaram de 'os três irmãos siameses'. Todos os três são nobres caracteres, de um alto e desinteressado idealismo. Um, jornalista, conquistou, pela sua pena, o respeito geral, porque todos viam a sinceridade de sua campanha. Outro, engenheiro, teve um grande infortúnio na sua vida, mas esse infortúnio, longe de o tornar cético e mau, o impeliu para o bem, e para o estudo. O terceiro, advogado, chegou à fortuna, por um acaso; mas acaso nascido da dedicação à causa de um desconhecido. Desses três homens, entretanto a fatalidade faz com que um acabe traindo o outro. Este outro, entretanto, desejava criminosamente a filha do que, sem ele saber, o enganava. Só um deles passa de todo puro do princípio ao fim do livro. Esse, porém, torna-se vítima da injusta cólera popular. É um livro de escritura moderna, porque nele antevemos a técnica da obra aberta que interage com o leitor e faz este pensar soluções por conta própria.

Um estudo excepcional da obra acima, feita por Martim Damy – crítico muito respeitado da época – e publicado pelo Jornal do Comércio, constata que VM *"preferiu expor os casos amorosos sem lhes dar solução. O enredo só encontra finalidade nos seus episódios. O seu fieri e o motivo condutor da sua ação suspendem-se inesperadamente antes da finalização do romance. Isto, entretanto, não lhe gera imperfeição nem tampouco deixa perdidas entre brumas as suas personagens. Ao contrário, alista-o entre os romances de elite, pois lhe tira o fim banal de quase todos os romances."*

Medeiros e Albuquerque já tinha dito que *"o romance é dos que não acabam. Escreve a situação em que se acham os personagens e deixa o leitor*

imaginar a seu modo o desfecho da vida de cada um." Esta característica de obra aberta, apreendida nos dois comentários acima, em que as interrupções abruptas dos acontecimentos nos deixam, a nós leitores, suspensos, ainda hoje, quase cem anos depois, ainda se constitui marca de modernidade nos processos narrativos. VM é, portanto, um escritor à frente de seu tempo.

Há muito o que dizer da sua obra, mas o exposto apresenta uma tênue ideia da importância e do peso de sua obra para a literatura e a inteligência brasileiras. Oxalá provoque o leitor e o desperte para ler esse escritor extraordinário injustamente colocado no ostracismo.

O POLÍTICO

João Pedro da Veiga Miranda possuía muitas facetas, *"imensa dimensão humana, social, política intelectual e moral da estatura, do estofo, do estalão de grandes brasileiros, que preencheram uma época, com inexcelsível e invulgar brilho, legando uma ímpar história"*, nas palavras de Dr. Rubem Cione (**Entre Ruy e Epitácio – Veiga Miranda**, Editora Legis Summa, 1994, página 13).

Foi um homem profícuo e singular. Profícuo porque por onde passou deixou vasta obra, realizou muito, seja no campo literário, administrativo ou político. E singular porque, diferente da maioria dos políticos, vivendo no epicentro do Governo de Epitácio Pessoa, chegando a ser seu Ministro da Marinha, nunca se submeteu a interesses escusos como soe acontecer nos bastidores do poder. Oportunidade de "dar-se bem" não lhe faltou, mas preferiu morrer em paz com sua consciência.

VM nasceu em Campanha-MG fez seus estudos secundários em

Barbacena e Baependi, concluiu o curso Politécnico em São Paulo aos 23 anos, em 1904, e, a seguir mudou-se para Ribeirão Preto, onde ocupou funções públicas a partir de 1907. Foi vereador, depois Prefeito Municipal, teve carreira meteórica como Deputado Estadual e Federal via PRP por São Paulo, chega à Pasta da Marinha, em 1921, onde exerceu administração exemplar durante 14 meses. De temperamento forte e rigidez moral inabalável, não se submeteu aos caprichos e conchavos do poder, de modo que acabou excluído do sistema, acabando pobre e no ostracismo, longe das luzes da ribalta, como já vimos acima.

Tinha o hábito de dividir os homens em **sólidos** e **líquidos**. Os primeiros são os homens indiferentes à pressão, conservam-se ilesos aos interesses escusos e não fazem do próprio caráter moeda de barganha. Já os segundos, VM dizia que não têm conformação definida e tomam sempre a fôrma das circunstâncias, mesmo que ambíguas e não muito recomendáveis.

Rubem Cione, na obra acima mencionada, dizia que VM *"faleceu pobre, ao contrário dos políticos de hoje. Pobre e quase só, porque jamais se dobrou às injunções menos dignas... Por ser digno, autêntico, independente, cívico, leal aos seus princípios, não só morreu pobre, como descrente da política, das auras populares e de muitos que lhe foram amigos nas boas horas e quando na crista do justificado prestígio. Morreu, entretanto, de cabeça erguida..."*

Afastou-se da vida pública em 1923, após ter ocupado a Pasta da Marinha, nela realizado obra bastante importante, que podemos conhecer na publicação **Quatorze Meses na Pasta da Marinha**, Volume 12 da Coleção Jaceguay, reeditada, em 1982, pelo Serviço de Documentação Geral da Marinha. Em seu prefácio se lê: *"Homem de fina educação e vasta cultura literária e científica, no desempenho do cargo de Ministro, soube impor-se a seus subordinados pela elevada compreensão do cumprimento do dever e pela*

prática da justiça. Aliou a seu espírito de iniciativa e energia ponderada, cavalheirismo e cortesia, fatores que constituíram o segredo de sua administração por relevantes serviços prestados à Marinha do Brasil."

Deixa a Pasta da Marinha em 1922, retorna a Ribeirão Preto e reassume sua Cátedra de Italiano no Colégio Otoniel Mota. Afastado da vida política e pública, dá sequência à sua produção literária.

Não deixa herdeiros, mas deixa uma obra de grande valor intelectual. Seu soneto **Alma Penitente**, em decassílabos, de forte teor simbolista e religioso, revela um homem de que transcende os valores comezinhos da vida.

ALMA PENITENTE

*Trago a
minha alma
num atroz
suplício*

*Enclausurada
como
penitente,
Eternam
ente
amaldiçoando
o Vício*

*E a Virtude
buscando eternamente...*

É

*para mim
um gozo o
sacrifício
De
macerada
vê-la, e
padecente,
Se
mpre
apertando
este cruel
cilício
Cuj
a tortura a
desgraçad
a sente.*

Quero
-a erma de
Amor, e
ressequida

De
sonhos,
quero-a
sempre
dolorosa,

Quero
-a serena e
só,
desiludida.

Porqu
e sei quanto
vale o que se
goza

E feliz
de quem
sofre nesta
vida,

Olhos
fitos em
outra mais
ditosa!

VM foi um político deveras singular, porque sempre colocou os valores mais nobres do homem acima dos valores de circunstância. É este homem que deve e precisa ser sempre lembrado e reverenciado por todos nós como um dos mais ilustres filhos de nossa terra.

O PARLAMENTARISTA

A trajetória de VM, de menino a ministro, do nascimento em Campanha, MG, ao momento em que deixou a Pasta da Marinha no final de 1922, foi vereador e prefeito em Ribeirão Preto, deputado estadual e federal por São Paulo, pelo PRP – Partido Republicano Paulista – e ministro da Marinha no Governo Epitácio Pessoa, passando interina e meteoricamente pela Pasta da Guerra, no lugar de João Pandiá Calógeras.

Dono de exemplar oratória, VM conquistou os colegas e chamou sobre si responsabilidades de líder. Ganhou destaque entre pares, defendeu ideias e princípios que o fizeram, mesmo sendo civil, o escolhido por Epitácio Pessoa para liderar a combalida Pasta da Marinha, durante 14 meses. O Governo Epitácio Pessoa compunha-se de 8 Ministérios, 1 Secretaria e 1 Consultoria Geral. Com Calógeras, faz a grande dupla do Governo, que dizia de VM: “...excelente titular da Marinha, dos mais brilhantes entre os ministros”.



Com o grande domínio da oratória, assume a liderança pró-Rui Barbosa na Champanha Civilista. Por onde passava e fazia seus discursos e conferência arrebatava a todos. Em 1913, ao inaugurar o busto de Rio Branco no centro de Ribeirão Preto, faz discurso tão eloquente que é reproduzido nos periódicos regionais da época além de merecer uma Ata Especial da Câmara Municipal no dia 29 de setembro.

Sua ascensão política foi vertiginosa, não só porque tinha oratória inflamada, mas porque era homem de ideias e princípios. Deste momento em diante, poucos eventos de destaque renunciavam à sua presença. Em tudo dava um toque de elegância e arte – seu lado escritor – com requinte de clareza e erudição.

Outra demonstração histórica de sua capacidade de influenciar pela oratória foi durante a inauguração da Metalúrgica Epitácio Pessoa, em agosto de 1921. O Presidente ficou tão impressionado com a fala e o conteúdo do titã da oratória, que em setembro assumiria a Pasta da Marinha. *"Orador notabilíssimo, improvisador de grandes recursos, possuidor de excelente dicção, VM empolga o parlamento e é logo escolhido para líder da maioria. Foi tal o brilho da sua atuação no Parlamento, que despertou receios e invejas e suscitou traições"*, nas palavras de seu neto e biógrafo, João Pedro Rolim de Moraes.

Epitácio Pessoa, outro gigante da oratória, identificava-se com VM e neste tinha um ferrenho defensor de suas ideias e pensamentos. Havia sintonia entre ambos. Clássica é a divisão de VM a respeito dos dois times de homens em **líquidos** e **sólidos**, fazendo ele próprio parte dos segundos e colocando no time dos primeiros os políticos afeitos a favores não recomendáveis e conchavos. Em sincronia com ideias e pensamentos do Presidente, VM pôde reger com mãos de maestro e muita liberdade os 14 meses da Pasta da Marinha. *"Apesar de civil, pela sua grande capacidade de adaptação, foi um excelente Ministro da Marinha, tomando conhecimento perfeito de todos os problemas de sua pasta e apresentando sugestões para resolvê-los..."* (João Pedro Rolim de Moraes).

Transcrevemos trecho de VM que se encontra na obra Quatorze Meses na Pasta da Marinha: *"O nosso mundo político está povoado de homens **líquidos** (homens sem princípios que se acomodam às circunstâncias somente se estas lhe são favoráveis, mesmo à custa de muita corrupção). Destacam-se, por isso, tornam-se motivos de espanto, de atemorizada admiração, e não raro alvo de conspirações surdas e pequenina, os homens **sólidos** (homens de princípios e que os defendem mesmo à custa de auto sacrifício). Contra eles*

(os homens sólidos) *congregam-se os outros, como as aves da noite contra o "Chantecler"* (o galo que canta). *As corujas detestam aqueles que elas supõem criadores damadrugada, seres privilegiados, capazes de viver em plena luz sem vertigens nem deslumbramentos.*" (capítulo I, p. 6).

Mas como soe acontecer, tudo que sobe desce. VM, após atingir o auge de sua carreira, sem submeter seus princípios e ideias aos conchavos políticos, acabou por ser alijado da vida pública e isolado em sua propriedade, Fazenda Humaitá, em Bonfim Paulista. Sua correspondência com amigos deixa evidente sua amargura com o que lhe ocorrera, evidentemente uma situação muito dura para quem tinha experimentado um grande sucesso e aceitação na vida pública, mesmo sendo um **sólido** homem como VM, que nunca capitulou com atitudes atravessadas e ao avesso das atitudes corretas e libadas.

O sucesso como parlamentar e ministro não foram suficientes para afastá-lo das lides literárias, e isso hoje salva-o do completo esquecimento. Sua obra tem muito valor e aos poucos vai sendo redescoberta.

PALAVRAS FINAIS

Aos que, como eu, têm um sentimento de dívida moral e cultural – também de gratidão – para com esse homem extraordinário, que tanto fez por nossa Ribeirão Preto, nos primeiros 36 anos do século XX, desejo que tenham um novo olhar não apenas para Veiga Miranda, mas a todos que, como ele, construíram igualmente, com esforço hercúleo, a nossa cidade e região.

Se empertigamos o nosso corpo, subimos na ponta dos nossos pés mesmo que doam, esticamos o quanto podemos nosso pescoço, alongamos nossa coluna e colocamos a mão espalmada acima dos olhos para melhor aguçar a visão e olhar

o futuro, podemos enxergar longe, mas não o suficiente. Temos que, para ver mais longe, subir nos ombros de gigantes até enxergar mais, muito mais.

Como Veiga Miranda, há muitos titãs esquecidos que deram suas vidas e seus ideais para construir a nossa cidade e a nossa identidade e a eles – sem baixar a guarda – devemos render a nossa homenagem e envidar todos os nossos esforços para fazer a nossa parte e devolver o passado ao futuro, às novas gerações. “O passado também é urgente”, nos ensina Guimarães Rosa, e, omissos, corremos o risco de não pagar nossa dívida.



Como o deus Janus, bicéfalo no Panteão romano, o passado e o futuro são partes da mesma realidade, da mesma roda do tempo. Quem não valoriza o primeiro não tem direito ao segundo. Sem o primeiro, o segundo não se sustenta.

A

v

e

,

V
e
i
g
a

M
i
r
a
n
d
a
!

A
b
r
i
l

d
e

2
0
2

